

A A TEORIA DO DISCURSO DO CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE: UMA ANÁLISE DA FESTA CARNAVALESCA DE RECIFE À LUZ DA TEORIA DE LACLAU E MOUFFE

BRUNNO FERNANDES DA SILVA GAIÃO

Doutorando em Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas
da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Avenida Professor Moraes Rego, 1.235, Cidade Universitária, Recife – PE – Brasil – CEP 50670-901

E-mail: brunno_gaio@hotmail.com

ANDRÉ LUIZ MARANHÃO DE SOUZA LEÃO

Doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração
da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Professor adjunto do Departamento de Ciências Administrativas
da Universidade Federal de Pernambuco.

Avenida Professor Moraes Rego, 1.235, Cidade Universitária, Recife – PE – Brasil – CEP 50670-901

E-mail: aleao21@hotmail.com

SÉRGIO CARVALHO BENÍCIO DE MELLO

Ph.D. in Business Studies at Marketing and Social Psychology Department – City University London.

Professor associado do Departamento de Ciências Administrativas
da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Avenida Professor Moraes Rego, 1.235, Cidade Universitária, Recife – PE – Brasil – CEP 50670-901

E-mail: sergio.mello@ufpe.br

RESUMO

Tendo em vista a importância da festa de Carnaval para a cidade do Recife, é natural que o evento envolva uma pluralidade de vozes presentes na construção dos significados relacionada à festa. Nesse sentido, optamos por recorrer à teoria do discurso de Laclau e Mouffe – que trata das articulações discursivas de diferentes agentes em torno de significados na construção de um discurso – na tentativa de buscar resposta ao seguinte questionamento: “Como se formou o discurso do Carnaval Multicultural do Recife?”. À procura por caminhos metodológicos coerentes com nossa pesquisa e com as escolhas teóricas que estabelecemos, assumimos uma abordagem crítica, de corrente pós-estruturalista e matriz pós-marxista, adotando uma estratégia de pesquisa qualitativa. A construção de nosso *corpus* de pesquisa se deu por meio de duas etapas distintas. Primeiramente, por meio de leituras preliminares, identificamos os diferentes grupos relevantes que estabelecem algum envolvimento com o Carnaval Multicultural do Recife. Em seguida, elaborou-se o *corpus*, composto por meio de pesquisa documental, a fim de acessar as fontes discursivas objeto do nosso estudo. No que compete à análise dos dados, recorreremos à análise de discurso de vertente francesa em articulação com a teoria do discurso de Laclau e Mouffe. Os discursos contrários ao formato atual da festa demonstram não ter força articulatória suficiente para fazer frente a todas as posições discursivas que se articulam em favor do Carnaval do Recife. Essa cadeia de equivalência favorável parece articulada o bastante para atribuir sentido ao significante vazio “Carnaval Multicultural do Recife”, que aponta para a diversidade cultural como ponto nodal que propicia ao discurso oficial definido pelo governo municipal ocupar o espaço de hegemonia em torno desse discurso. A festa surge como um espaço de diversidade e pluralidade cultural, fonte de oportunidade econômica para diversos agentes. Por fim, apontamos como limitação deste estudo o fato de termos focado a análise na esfera das políticas públicas, do Estado, não acessando a dimensão do capital privado como agente influenciador da configuração da festa. Nesse sentido, apontamos como possibilidade de estudo a ser desenvolvido em oportunidades

futuras uma análise do Carnaval Multicultural do Recife a partir da perspectiva das organizações privadas envolvidas com a realização da festa.

PALAVRAS-CHAVE

Carnaval. Recife. Teoria do discurso. Laclau e Mouffe. Política.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as festas populares surgem como o produto da influência de variadas etnias, crenças e tradições. Já no período colonial, as celebrações e festejos, como forma de expressão, se tornaram mecanismos de resistência de comunidades ou grupos em defesa de sua cultura, num contexto de disputas por recursos, território e imposição cultural. A partir da mistura de rituais e símbolos, surgiram os festejos tradicionais, que atravessaram os anos até os dias de hoje. Talvez devido à miscelânea de etnias nas raízes históricas do povo brasileiro (tais como o indígena, o europeu e o negro) é que este demonstra, em geral, tanto apreço por celebrações populares (Pessoa, 2005).

Uma das festas tidas como das mais emblemáticas da identidade cultural brasileira é o Carnaval. As origens da festa remetem às celebrações pela fertilidade da terra nas civilizações da Antiguidade, tais como Egito, Grécia e Roma. Gradualmente a festa foi incorporada pelo cristianismo, até que, no século XV, o papa Paulo II “formalizou” a festa como parte do calendário cristão. No Brasil, a festa parece ter derivado principalmente do entrudo português, definindo-se como uma celebração nacional a partir da organização do povo. Vale destacar que, num país de dimensões tão amplas, a festa carnavalesca apresenta diversas variações regionais, resultantes do cruzamento das influências europeia, africana e indígena (Sebe, 1986).

O Carnaval é um espaço no qual é possível a ressignificação de memórias lúdicas e artísticas do povo, envolvendo símbolos e inversões de regras, gerando crescimento no comércio de lazer e diversão (Faria, 2006). Dentre as celebrações carnavalescas de maior destaque nacional (Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco), o Carnaval pernambucano talvez possa ser apontado como aquele em que a participação popular está presente com mais força, perpetuando tradições iniciadas com os clubes de pedestres da cidade do Recife, no século XIX (Araújo, 1997).

No estado de Pernambuco, a festa realizada nas cidades de Recife e Olinda é permeada pela multiplicidade de ritmos, públicos e espaços (Prefeitura da

Cidade do Recife, 2012). Em Recife, especialmente, essas características marcam o Carnaval Multicultural. Modelo da festa lançado em 2001 pela Prefeitura da Cidade do Recife (2012), o Carnaval Multicultural se pretende ser “democrático, popular e diversificado, [...] com polos de animação espalhados por toda a cidade”, buscando oferecer ao folião espetáculos acessíveis a todos, tanto no âmbito espacial como no social.

Destarte, agora o Carnaval do Recife, como tantos outros festejos, compõe um circuito de eventos-espetáculo cosmopolitas. Esses eventos envolvem fluxos de signos tratados ao mesmo tempo como insumos e mercadorias por redes midiáticas e se tornam espaços de grande importância econômica, devido à variedade de atividades neles desenvolvidas, principalmente no que tange à prestação de serviços de diversão. Nas palavras de Hollanda (2013, p. 100):

[...] o fenômeno do carnaval se afigura de especial importância não apenas para o entendimento das interações entre Estado, mercado e sociedade, como também para apontar os nexos que articulam a cultura e a política, a mídia e o poder público, o lúdico e o comercial, a indústria cultural e a arte popular, o turismo e o patrimônio cultural, numa palavra, o público e o privado no Brasil de hoje.

Assim, estão entrelaçados os extremos de produção e expressão cultural; diversão e trabalho (Faria, 2006). Percebemos então como a festa movimentou a economia local. Em 2013, a Folia de Momo recebeu um investimento de R\$ 30 milhões da prefeitura do Recife e gerou um incremento econômico de R\$ 603 milhões. Nesse ano, a capital pernambucana recebeu aproximadamente 718 mil visitantes durante os dias de festa, movimentando em grande maneira o setor hoteleiro da cidade (*Correio Braziliense*, 2013; G1, 2013; Prefeitura da Cidade do Recife, 2013a).

Uma vez que há uma dimensão de poder inerente à cultura, os festejos populares, como o Carnaval, podem ser investigados levando em conta as relações de poder que os permeiam (Ortiz, 2006). Em se tratando do Carnaval da cidade do Recife, assim como em outras cidades cuja Festa de Momo atinge grande escala (Cabral, Krane, & Dantas, 2013), é possível perceber o envolvimento de diversos agentes com o evento, tais como os diferentes representantes do Estado, as organizações empresariais, os comerciantes informais, os artistas, as agremiações carnavalescas, os foliões, entre outros. Para cada um desses agentes, a festa carnavalesca pode apresentar um significado distinto, sendo fonte de lucro para empresas promotoras de eventos, agências de viagens, hotéis e restaurantes; oportunidade de trabalho para artistas (inter)nacionais e locais; instrumento político para o Estado; diversão para os foliões etc.

No que compete especificamente a Recife, a cidade, em 2013, contou com a 13ª edição do Carnaval Multicultural do Recife, formato que conferiu uma nova configuração à festa e vem se consolidando ao longo desses 13 anos. Tendo em vista a importância da festa de Carnaval para a cidade do Recife, é natural que o evento envolva uma pluralidade de vozes presentes na construção dos significados relacionadas à festa. Dessa forma, o Carnaval tem se tornado “menos uma manifestação espontânea do que um elemento de controle dos grupos políticos no poder” (Vidal & Andrade, 2009, p. 2). Nesse sentido, optamos por recorrer à teoria do discurso (TD) de Laclau e Mouffe – que trata das articulações discursivas de diferentes agentes em torno de significados na construção de um discurso –, na tentativa de buscar resposta ao seguinte questionamento: “Como se formou o discurso do Carnaval Multicultural do Recife?”.

A partir do uso da TD de Laclau e Mouffe, de origem pós-estruturalista, buscamos compreender a formação do modelo dessa festa e os interesses e as assimetrias presentes nesse processo, identificando como os diferentes grupos se articularam em torno da festa carnavalesca em questão. Como ponto de partida, assumimos que o Carnaval Multicultural do Recife se apresenta como uma festa plural, preparada para atender à demanda dos diferentes públicos do Carnaval recifense, tendo em vista seus diversos interesses musicais.

Daremos continuidade ao trabalho caracterizando com mais informações o Carnaval de Recife, em seguida apresentaremos a TD de Laclau e Mouffe e os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Por fim, discutiremos os achados da pesquisa e teceremos considerações finais acerca de tal discussão.

2 BREVE HISTÓRICO DO CARNAVAL DO RECIFE

O rito carnavalesco, cujas origens remetem às celebrações de fertilidade do Egito antigo (Araújo, 2000), é objeto de estudos há séculos, tendo sido tratado por autores como Durkheim, Mauss e Bakhtin. No Brasil, o antropólogo Roberto DaMatta foi um dos primeiros autores a se debruçar sobre o Carnaval como fenômeno expressivo da sociedade brasileira (Hollanda, 2013). Desde então, a evolução e o crescimento da festa, tanto em termos culturais quanto econômicos, suscitaram a realização de outros tantos estudos. O processo de mercantilização da festa de Carnaval (Carvalho & Madeiro, 2005), o papel e a evolução de diferentes organizações envolvidas com o evento do Carnaval (Tureta & Araújo, 2013) e o próprio processo de organização da festa e de interação entre seus diferentes agentes (Cabral *et al.*, 2013; Duarte, 2013; Gaião & Leão, 2013) são alguns dos temas relativos aos festejos de Momo explorados em diferentes estudos acadêmicos.

A festa carnavalesca do Recife tem suas raízes no final do século XVII, mais especificamente na Festa de Reis celebrada por trabalhadores da época, como carregadores de açúcar e outras mercadorias, em grande parte negros alforriados. Conduzindo bandeiras e entoando cantigas, esses trabalhadores deram origem ao maracatu dos dias atuais (Silva, Mendes, Lucena, & Ataíde, 2004; Fundação Joaquim Nabuco, 2012; Prefeitura de Olinda, 2012). Para além da influência afro, assim como no restante do país, a festa pernambucana também foi influenciada, em grande parte, pelo entrudo português, caracterizado por correrias e brincadeiras de mela-mela entre os foliões (Silva *et al.*, 2004; Vieira & Costa, 2007).

Assim, o Carnaval do Recife foi sendo construído ao longo do tempo por meio da mistura de influências de tradições portuguesas e de festas europeias e da cultura africana, bem como da própria cultura indígena. Tal festa pode ser tratada como um mosaico folclórico, espaço no qual estão reunidos estilos diversos, que apresentam origens sócio-históricas variadas, resultando numa pluralidade de desfiles e cortejos (Arai, 1994).

Ferreira (2004) aponta a variedade do Carnaval no Brasil, com destaque para as festas de Pernambuco, do Rio de Janeiro e da Bahia como os festejos carnavalescos de maior destaque no país. Em Pernambuco, os festejos atraem turistas de todo o país no decorrer dos dias de festa, porquanto a festa se transformou num dos principais eventos do Estado, com grande impacto na sua economia. E, nesse cenário, Recife surge como um dos mais importantes polos de festa de Pernambuco, assim como também do país (Lóssio & Pereira, 2008).

A partir do ano de 2001, sob a administração do então novo prefeito João Paulo, o Carnaval do Recife sofreu uma remodelação em seu modelo de festa. De acordo com a prefeitura, a festa tem valorizado a diversidade cultural, adotando os conceitos de multiculturalismo e descentralização. A presente proposta do Carnaval da cidade do Recife envolve a instalação de “polos de animação” espalhados por toda a cidade, oferecendo uma maior diversidade de atrações, bem como de ritmos variados (Prefeitura da Cidade do Recife, 2012; Vidal, 2010).

A 13^a edição do Carnaval Multicultural do Recife, realizada em 2013, ofereceu 18 polos e 34 polinhos de animação espalhados pelos bairros da cidade, disponibilizando quase 1,5 mil apresentações culturais, locais e nacionais. A festa gerou uma taxa de ocupação hoteleira de 95% (G1, 2013; Prefeitura da Cidade do Recife, 2013b).

A festa foi composta por nove polos centralizados e nove descentralizados, estes últimos distribuídos nas seis regiões político-administrativas (RPAs) da cidade: Brasília Teimosa, Chão de Estrelas, Casa Amarela, Nova Descoberta, Alto José do Pinho, Várzea, Jardim São Paulo, Ibura e Bomba do Hemetério (Prefeitura da Cidade do Recife, 2013a). Segundo a prefeitura da cidade, o novo formato

da festa de Carnaval tem se fortalecido cada vez mais com o passar dos anos, consolidando o conceito de multicultural. De acordo com a proposta da prefeitura do Recife, a premissa desse modelo da festa é o seu caráter democrático e participativo, valorizando sua vocação popular e a diversidade de ritmos presentes na cultura da região (Prefeitura da Cidade do Recife, 2012).

3 A TEORIA DO DISCURSO DE LACLAU E MOUFFE

No que diz respeito a este estudo, adotaremos uma perspectiva pós-estruturalista e pós-marxista que parte da influência das tradições estruturalista, marxista e hermenêutica para elaborar uma abordagem relacional e antiessencialista do discurso – a exemplo de autores como Jacques Derrida, Michel Foucault, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Aqui o discurso deve ser compreendido como um sistema de significados ambíguos, incompletos e contingentes inerentes às estruturas sociais (Cordeiro & Mello, 2010; Foucault, 1996; Howarth, 2000).

De forma específica, adotaremos a TD de Laclau e Mouffe, que desenvolve um conceito de discurso que inclui todas as práticas e significados sociais. Tal abordagem é de base pós-estruturalista, fortemente influenciada pelo pensamento neomarxista, sobretudo na releitura do conceito gramsciano de hegemonia. Assim, deixamos claro que assumiremos que todos os objetos e ações são significativos, e seus significados são concedidos por sistemas de regras específicas, produto de construção histórica e política fruto das interações sociais (Cordeiro & Mello, 2010; Howarth, 2000; Howarth & Stavrakakis, 2000).

Cada discurso estabelece um sistema de relações entre diferentes objetos e práticas, oferecendo posições com as quais os agentes sociais podem se identificar. Esse horizonte teórico dentro do qual os significados são negociados pode ser definido como sistema *discursivo*. Um projeto político tem por objetivo agregar diferentes discursos a fim de determinar e fixar as identidades dos objetos e das práticas de um contexto específico. Assim, discursos são sempre práticas intrinsecamente políticas, envolvendo a construção de antagonismos entre posições discursivas distintas. Fica evidente, então, que o discurso tem uma dimensão de poder inerente a ele (Laclau & Mouffe, 1985).

Por seu caráter político, a prática discursiva envolve a articulação dos elementos existentes no sistema discursivo, a fim de fixar significados que possibilitem a construção de diferentes identidades. Nesse sentido, Laclau e Mouffe (1985) definem identidade como derivada da relação que um termo estabelece com outros termos em um sistema de diferenças, sempre de forma instável e

situada historicamente, uma vez que as estruturas discursivas impedem o fechamento de totalidades. Articulação, por sua vez, é justamente a prática que estabelece tais relações.

Contudo, uma vez que esses significados são transitórios e instáveis, faz-se necessária a determinação de pontos de referência que permitam a construção de tais identidades. Tais pontos de referência são chamados de pontos nodais, significantes privilegiados dentro de um discurso e que possibilitam a articulação de uma cadeia de significados. Esses pontos nodais são considerados por Laclau e Mouffe (1985) como significantes vazios, uma vez que, por não possuírem um significado estável, são capazes de se adaptar de acordo com as demandas dos diferentes sujeitos políticos, que correspondem às vontades coletivas resultantes de articulações políticas e ideológicas de forças históricas dispersas e fragmentadas. Tal noção, em oposição a Karl Marx, assume que esses sujeitos são particulares e não universais, sendo o universal uma possibilidade desprovida de conteúdo. Laclau (1996, p. 84) argumenta que, “em uma situação de desordem radical, a ordem está presente como aquele que está ausente: passa a ser um significante vazio, o significante de uma ausência”. Esses significantes vazios representam o espaço de completude do discurso, transmitindo a impressão de seu fechamento em torno de um significante. Entretanto, tal completude deve ser entendida como ilusória, devido à precariedade dos significados, transitórios por natureza.

É em torno dos pontos nodais que orbitam as identidades que disputam a chance de preencher o significado dos significantes vazios. É por meio dessa disputa que se constituem os antagonismos entre posições discursivas. Os antagonismos determinam os limites de certas posições discursivas, para além dos quais outros discursos surgem como novo referencial identitário. Como nos apresenta Laclau (1993, p. 34),

[...] o ponto fundamental é que o antagonismo é o limite de toda a objetividade. Isso deve ser entendido em seu sentido mais literal: como a afirmação de que o antagonismo não tem um sentido objetivo, de modo que é aquilo que impede a constituição da objetividade como tal.

Tais antagonismos, no entanto, apresentam-se em fronteiras móveis, tendo sido a oposição povo-Antigo Regime, segundo Laclau e Mouffe (1985), a última oportunidade em que limites antagônicos entre duas formas de sociedade tiveram linhas demarcatórias clara e empiricamente determinadas. Assim, se, por um lado, elementos antagônicos não têm conteúdos comuns, uma relação antagônica, por outro, pressupõe que, embora o ser de uma posição seja a negação de outra, elas são complementares.

A partir daí, surgem, então, as lógicas da equivalência e diferença. A primeira delas diz respeito à criação de uma equivalência identitária que permita a agregação de diferentes posições discursivas em prol de um objetivo comum, formando uma cadeia de equivalência em oposição a um determinado discurso. A lógica da equivalência, assim, busca polarizar o espaço social em dois extremos antagonísticos, que se distinguem por meio dos significados que abrangem, correspondendo a uma simplificação do espaço político em dois campos inconciliáveis. Por sua vez, a lógica da diferença assume um significado diametralmente oposto, expandindo e tornando complexo esse espaço, com vistas à desarticulação de cadeias de equivalência, dissolvendo a polarização antagonística existente anteriormente entre as diferentes posições discursivas (Laclau & Mouffe, 1985).

Em última instância, tais disputas pela significação do discurso, envolvendo as lógicas da equivalência e diferença, têm como objetivo final o alcance de formações hegemônicas. A hegemonia corresponde à articulação e organização do discurso em torno de um ou mais significantes vazios, que assumem o papel de pontos nodais sob os quais são unificados diferentes discursos. Daí surge uma oposição entre um interior necessário, que se refere à própria tarefa de uma dada classe, e um exterior contingente, em que uma classe assume tarefas que não são suas (Laclau & Mouffe, 1985). Tal noção é uma concepção pós-estruturalista do conceito de hegemonia desenvolvido por Antonio Gramsci (1978), que a definiu a partir de uma nova relação entre estrutura e superestrutura, rechaçando que esta seja determinada por aquela e mostrando a centralidade da superestrutura nas sociedades avançadas, de forma a evitar o idealismo e o materialismo vulgar encontrados no marxismo. As diferentes posições discursivas, então, se aglutinam e orbitam em torno desses pontos nodais, cada uma delas atribuindo diferentes significados a eles (Laclau & Mouffe, 1985). Tais aspectos, mais uma vez, remetem ao caráter político e à dimensão de poder específicos que se fazem presentes nessa abordagem teórica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

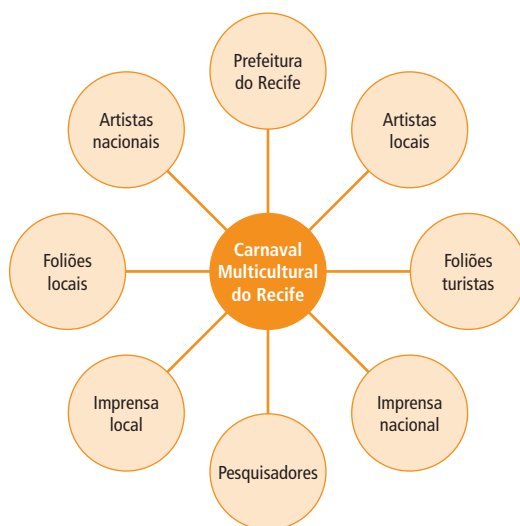
À procura de caminhos metodológicos coerentes com nossa pesquisa e com as escolhas teóricas que estabelecemos, assumimos uma abordagem crítica, de corrente pós-estruturalista e matriz pós-marxista, adotando uma estratégia de pesquisa qualitativa (Firat & Tadjewski, 2010). Assim, valemo-nos da reflexão contínua e de uma visão ampla dos fatos investigados para interpretar o significado e conferi-lo ao fenômeno sobre o qual nos debruçamos.

A construção de nosso *corpus* de pesquisa se deu por meio de duas etapas distintas. Em primeiro lugar, buscamos identificar os diferentes grupos relevantes

que estabelecem algum envolvimento com o Carnaval Multicultural do Recife. Por meio de leituras preliminares (jornais, *sites* de notícias, *releases* da organização do evento, vídeos publicitários e reportagens de alcance nacional e local), identificamos oito grupos distintos que representam fontes discursivas específicas: prefeitura do Recife, artistas locais, artistas nacionais, imprensa local, imprensa nacional, foliões locais, foliões turistas e pesquisadores. Tais grupos estão representados na Figura 1.

FIGURA 1

GRUPOS RELEVANTES RELACIONADOS AO CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE



Fonte: Elaborada pelos autores.

Em seguida, deu-se a construção do *corpus*, composto por publicações da prefeitura do Recife, livros relacionados com a festa de Carnaval da cidade, notas e matérias de veículos de comunicação, vídeos institucionais e de entrevistas. Em nossa pesquisa, adotamos essas diferentes fontes de dados visando à complementariedade das informações e fontes, na tentativa de abranger de forma mais completa os oito grupos distintos relacionados com o Carnaval do Recife. Nesse sentido, destacamos que foi necessária ainda a realização de entrevistas semiestruturadas com foliões locais (um), turistas (dois) e pesquisadores (dois), que haviam sido os agentes menos presentes nos dados secundários, a fim de complementar o *corpus* de pesquisa, de forma a atender ao seu caráter de representatividade.

Por meio desses elementos do *corpus*, buscamos abordar as fontes discursivas, objeto do nosso estudo, selecionando trechos em que seria possível identificar tais fontes discursivas. Buscamos acessar textos que remetessem de alguma forma à festa de Carnaval do Recife. Ao todo, foram acessados 82 registros distribuídos entre documentos impressos, material digital e entrevistas semiestruturadas. Mais especificamente, o *corpus* foi composto por 34 publicações da prefeitura, 16 vídeos *on-line* de entrevistas, oito reportagens *on-line*, 13 notícias, dois comentários de *blogs*, três publicações partidárias, uma monografia e cinco entrevistas semiestruturadas. Diante da variedade de dados secundários, os trechos dos dados apresentados ao longo do trabalho foram categorizados da seguinte maneira: PI – publicações institucionais da prefeitura do Recife; VE – vídeos de entrevistas; VR – vídeos de reportagens; ES – entrevistas semiestruturadas.

No que compete à análise dos dados, entendendo que “o discurso não pode ser analisado no vácuo contextual” (Godoi, Bandeira-de-Melo, & Silva, 2006, p. 377), buscamos a reconstrução dos sentidos dos discursos em sua situação de enunciação (Godoi *et al.*, 2006). Nesse sentido, recorreremos à análise de discurso de vertente francesa em articulação com a TD de Laclau e Mouffe. Enquanto a análise do discurso atuou como parâmetro para o tratamento da linguagem nos textos analisados, a TD de Laclau e Mouffe assumiu o papel de gramática analítica geral, como quadro de referência teórico-metodológica de nossa análise, pautada nos conceitos apresentados anteriormente (Burity, 2007).

5 O CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE À LUZ DA TEORIA DO DISCURSO

Esta seção está dividida em duas etapas complementares. Em um primeiro momento, apresentaremos as diferentes vozes presentes no Carnaval do Recife, localizando-as dentro da festa e buscando compreender como cada uma delas significa o Carnaval recifense. Em seguida, examinaremos como essas vozes se articulam em volta do discurso do Carnaval Multicultural do Recife, a partir do olhar da TD.

Ressaltamos que, devido a limitações de espaço para a confecção deste trabalho, optamos por apresentar apenas alguns trechos do *corpus* analisado, os quais são ilustrativos dos resultados encontrados ao longo de nossa pesquisa.

5.1 AS MUITAS VOZES EM VOLTA DO CARNAVAL DO RECIFE

A festa de Carnaval da cidade do Recife ganhou seu novo formato a partir do ano de 2002, com o início da gestão do prefeito João Paulo. Como abordado

anteriormente, o novo formato da festa parece buscar a construção de uma identidade plural, oferecendo atrações para todos os gostos. Nas palavras do próprio prefeito, “O Carnaval do Recife é um Carnaval de muitos ritmos, de muita alegria, de muitas cores. Então é um Carnaval que nos encanta” (VE 1, 2004). Em seus dois mandatos como prefeito, João Paulo instituiu a festa do Carnaval Multicultural do Recife buscando expandir esse conceito de multiculturalidade de forma a abranger toda a cidade. No Plano Municipal de Cultura do Município de Recife (2008, p. 17), João Roberto Nascimento – mais conhecido como Peixe –, então secretário de Cultura da cidade, afirma:

A gestão cultural da cidade vem sendo repensada [...] [e como consequência] a cidade vem conquistando visibilidade como um importante pólo cultural, se consolidando como a “Capital Multicultural do Brasil” e entrando definitivamente nos circuitos internacionais de cultura.

A proposta do novo Carnaval apresentada por João Paulo pauta-se fortemente na descentralização da festa, com a criação de um número crescente de polos ano após ano, tanto no centro da cidade como nos demais bairros. O outro pilar central dessa proposta é a atenção à diversidade da festa, que é contemplada por meio dos diversos ritmos presentes nos dias de Carnaval. Tal diversidade se materializa nas inúmeras atrações distintas que passam a se apresentar nos polos de animação. Esses dois aspectos ficam evidentes em mais uma passagem do Plano Municipal de Cultura do Recife (2008, p. 89), em que a prefeitura assume o compromisso de

Realizar o Carnaval Multicultural do Recife, com pólos temáticos no centro da cidade e pólos descentralizados nos bairros, proporcionando [...] a democratização da festa. [...] Manter a diversidade da cultura pernambucana como a grande marca do Carnaval Multicultural, com todos os ritmos e expressões culturais do estado valorizados e com espaço garantido na festa, bem como assegurar a presença de grandes artistas nacionais e internacionais na programação, legitimando o carnaval recifense como a grande festa da diversidade cultural brasileira e mundial.

Após a gestão de João Paulo, seu sucessor e aliado político, João da Costa, assumiu a prefeitura do Recife. João da Costa deu continuidade ao planejamento traçado pelo seu antecessor para o formato da festa, fortalecendo os dois pilares de sustentação do Carnaval da cidade: a descentralização, com a ampliação do

número de polos de animação, e a diversidade, que fica expressa em um prefácio escrito pelo prefeito para uma cartilha sobre o Carnaval. Em uma passagem de seu texto, João da Costa afirma que a cartilha é “um produto cultural indispensável à compreensão da diversidade cultural que encontramos no Carnaval Multicultural do Recife. [...] está expressa, em detalhes, toda a multiculturalidade da maior festa popular do Recife” (Ribeiro, 2010, p. 1). Percebemos como, aqui, o conceito da festa, para a prefeitura, orbita em torno de dois conceitos centrais: a descentralização, que visa levar a festa a todos os cantos da cidade, e a diversidade de atrações, que aponta para a tentativa de atender a todos os gostos. Assim, a posição da prefeitura do Recife privilegia a festa como instrumento de apelo popular.

Seguindo a posição discursiva da prefeitura do Recife, a imprensa local traz muito presente em sua cobertura do evento os conceitos de diversidade e descentralização. A valorização do “multicultural” é abordada de forma a destacar a produção cultural de Pernambuco e a presença de artistas de renome nacional. Já a imprensa nacional adota uma postura de espetacularização mais contundente da festa.

Para os veículos de comunicação, o Carnaval do Recife é visto como evento com imenso potencial de exploração, uma vez que, devido à sua diversidade, atinge um público amplo, tanto em nível local quanto nacional.

Em meio a essa diversidade de ritmos e atrações musicais, artistas também se posicionam em relação à festa carnavalesca do Recife. Os artistas nacionais e internacionais se mostram muito favoráveis ao modelo atual do evento, valorizando a oportunidade de dividir o espaço com outros ritmos e expressões culturais, bem como a receptividade do público local. Tais aspectos podem ser evidenciados em uma entrevista de um desses artistas, *disc jockey* de nível internacional. Aqui, o caráter econômico é relegado a um segundo plano, sobreposto pela valorização do diálogo entre expressões culturais diversas. Essa valorização da pluralidade de ritmos também está presente na fala de artistas locais, como na de um maestro renomado em Recife, que afirma que “essa coisa de misturar as linguagens é a cara do Carnaval de Recife. Só Recife consegue juntar tantas linguagens numa só noite e numa só dança” (VE 2, 2009). Opinião compartilhada também por um *disc jockey* local, que assevera que o Carnaval do Recife “deu a oportunidade de expandir um pouco mais e criar esta amplitude de entretenimento. Afinal de contas o Carnaval é de todos os gostos e de todas as tribos, né?” (VE 2, 2009). Nessa segunda fala, é possível perceber a presença mais marcante de um componente econômico, ao ser destacada pelo entrevistado a possibilidade de criação de entretenimento.

Nesse sentido, a pluralidade da festa assume um significado duplo para os artistas, sejam eles locais ou nacionais: a festa é entendida como uma grande

oportunidade de diálogo e interação entre manifestações rítmicas distintas, bem como um espaço que oferece oportunidade de trabalho para um grande número de artistas.

Contudo, existem também artistas locais que são contra a multiculturalidade da festa, seja por não concordarem com o uso do termo “multicultural”, seja por discordarem do formato da festa de valorização excessiva das atrações e dos ritmos que não são característicos do Carnaval, como *rock*, *hip-hop* ou *reggae*. Em entrevista, um maestro conceituado da cidade do Recife critica a adoção do termo multicultural, ao afirmar que todas as manifestações populares no Brasil têm raízes em comum, apesar de admitir a presença de outras influências que justificam o uso do termo multicultural. Seu ataque se concentra principalmente no formato da festa, chamando a atenção para a valorização de ritmos outros que não os tradicionais da festa carnavalesca.

Com base na perspectiva dessa posição discursiva, percebemos como o atual formato da festa carnavalesca do Recife é criticado por sua desvirtuação do caráter tradicional da festa, ao afastar-se de suas raízes e abarcar outros tipos de manifestações musicais durante o evento. Ficam evidentes aqui a defesa da tradição e a resistência ao novo, representado pela diversidade da festa.

Assim como no caso dos artistas locais, foliões locais e turistas também assumem posições discursivas distintas com relação à festa do Carnaval recifense. Em uma entrevista, uma foliã turista elogia a festa e seu formato, deixando transparecer que considera a “multiculturalidade” como sinônimo de “diversidade”. Já outro folião se posiciona de forma contrária à festa, criticando o formato do evento e a presença de outros ritmos que não os tradicionais. Ele chamou a atenção para o apelo econômico e turístico presente na formatação e organização do Carnaval da cidade.

Assim, o Carnaval recifense assume diferentes significados de acordo com posições discursivas distintas. Enquanto, para um grupo de foliões, a festa se torna sinônimo de diversidade e riqueza de opções de atrações disponíveis, essa diversidade, para outro, pode ser entendida como a predominância do aspecto econômico (que visa à maior abrangência de público) à custa do enfraquecimento das tradições carnavalescas.

Por fim, acessamos ainda pesquisadores, que se mostram contrários ao uso do termo “multicultural” em virtude daquilo que poderíamos chamar de um cuidado técnico, uma vez que a cidade do Recife não é considerada multicultural, mas sim diversa e plural. Contudo, não parece haver objeção em relação ao formato do evento em si, que democratiza a festa e movimenta economicamente regiões distintas do Recife. Esse posicionamento pode ser percebido na entrevista com um pesquisador que, por sinal, é vinculado à prefeitura do Recife. A

posição representada por esse pesquisador demonstra uma valorização da descentralização da festa, tanto devido à democratização do evento, quanto em relação aos impactos econômicos que isso traz. A principal objeção se dá em relação ao uso supostamente inadequado do termo “multicultural”, que seria resultado de articulações políticas e equívoco conceitual. Contudo, não há objeção aparente ao formato da festa em si.

Dessa forma, pudemos perceber a pluralidade de vozes envolvidas com o festejo carnavalesco do Recife e como cada um desses grupos se posiciona de forma específica em relação à festa. Após a análise dessas diferentes vozes, podemos agora, a partir da TD, nos debruçar sobre o entendimento de como essas vozes são articuladas e compõem o discurso do Carnaval Multicultural do Recife.

5.2 A TEORIA DO DISCURSO DO CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE

Uma vez que o discurso do Carnaval é construído socialmente, esse processo se torna carregado de antagonismos, expressos por meio de práticas sociais e políticas. Percebemos a presença de posições divergentes referentes à oposição entre a tradição e o moderno e entre o local e o global. Enquanto certos grupos perpetuam o discurso da preservação das tradições e dos costumes do Carnaval de outros tempos, cristalizado nas expressões culturais locais (frevo, maracatu, caboclinho...), outros grupos se unem em torno do discurso da modernidade e do caráter global da festa, que se materializa por meio da inclusão de ritmos diversos nos dias de Carnaval e na criação de ambientes fisicamente distintos, destinados a públicos específicos.

Revela-se também uma oposição entre o caráter lúdico e a dimensão econômica da festa, percebidos de forma distinta pelos grupos analisados. Para alguns, a festa de Carnaval é, acima de tudo, uma das manifestações culturais populares mais importantes do país e deve ser valorizada como tal, o que remete à preservação da tradição da festa. Todavia, muitos grupos enxergam, no evento carnavalesco, a possibilidade de geração de renda, seja por meio de *shows*, prestação de serviços, especulação imobiliária etc. É nesse ponto que o discurso econômico se cruza com o da modernidade. A diversificação da festa, com a inclusão de novas atrações, é particularmente benéfica para a consolidação e o sucesso econômico da festa. A ampliação do campo de abrangência do evento e sua consequente descentralização possibilitam um maior retorno financeiro.

O componente da descentralização se faz presente na argumentação de todas as posições discursivas, que buscam valorizar o fato de a festa ter alcançado

bairros mais afastados do centro da cidade. Seja pela possibilidade de democratização da festa ou pela geração de renda proveniente dessa descentralização, este parece ser um ponto de concordância de todos os discursos: o Carnaval do Recife é, e precisa se tornar cada vez mais, um Carnaval onipresente.

É interessante perceber também que, em muitos dos discursos apresentados, o termo “multicultural” surge como sinônimo de diversidade de ritmos musicais. A presença de atrações vinculadas a ritmos diversos ganha o centro de quase todos os discursos envolvendo o Carnaval multicultural. Apenas alguns dos discursos contrários à festa apresentam uma compreensão diferente do termo, como parte dos artistas locais que se sentem prejudicados pelo aumento da concorrência nos dias de Carnaval. Eles recorrem à estratégia de invalidação do termo para externar suas críticas à desvalorização das atrações do Estado. Os pesquisadores e acadêmicos também se mostram contrários à equiparação do termo “multicultural” com “diverso”, contudo por motivos outros, de cunho muito mais teórico-conceitual.

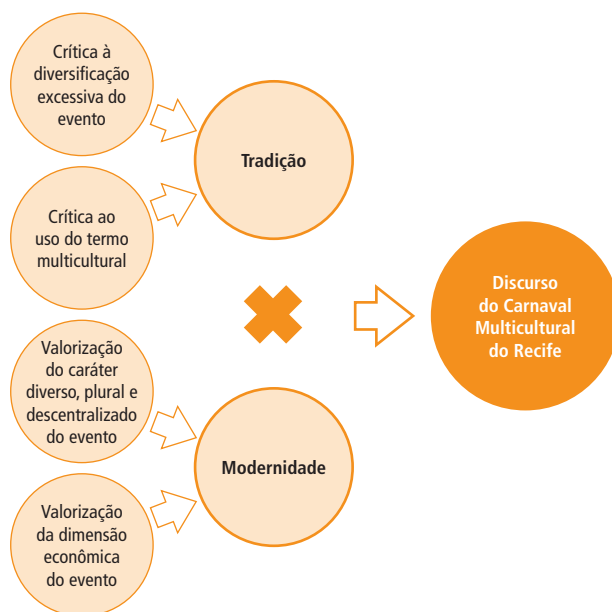
Temos ainda a significação da festa do Carnaval do Recife como um mecanismo político utilizado pela prefeitura para fortalecimento de sua imagem perante a população. Nesse sentido, o crescimento da abrangência e da diversidade da festa é um ponto positivo a ser incrementado, uma vez que permite um maior alcance do evento como instrumento de conquista de espaço político.

Esse caráter de expansão da festa e diversificação das atrações permitiu aos veículos de comunicação a espetacularização do Carnaval do Recife. O evento passa a ser tratado como um produto cultural a ser oferecido aos telespectadores em geral, estejam eles em Pernambuco ou Santa Catarina, por exemplo. A cobertura da festa passa a valorizar os elementos simbólicos presentes no festejo, visando, em última instância, aos aspectos econômicos provenientes da transmissão do evento.

Assim, por meio da delimitação de identidades, podemos identificar as posições discursivas existentes em torno do Carnaval Multicultural do Recife. Percebemos discursos distintos comuns a certos grupos envolvidos com o Carnaval do Recife. De maneira geral, existem quatro posições discursivas centrais: 1. a valorização da festa por seu caráter diverso, plural e descentralizado; 2. a valorização do evento pelo favorecimento da dimensão econômica; 3. a crítica à diversificação excessiva do evento, apesar da valorização do caráter lúdico da festa; 4. a crítica ao uso do termo “multicultural”, apesar da valorização do formato da festa.

FIGURA 2

ANTAGONISMOS DO CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE



Fonte: Elaborada pelos autores.

Dessa forma, a prefeitura do Recife, a imprensa local e nacional, os artistas nacionais, parte dos artistas locais e parte dos foliões se articulam e, apesar dos diferentes significados que atribuem à festa do Carnaval, compõem um discurso mais amplo de apoio ao Carnaval Multicultural do Recife, que atende de diferentes maneiras às suas demandas. Entretanto, parte dos artistas locais, e dos foliões, os pesquisadores e os acadêmicos se articulam em torno de um discurso contrário à atual proposta do Carnaval Multicultural do Recife, seja devido ao formato da festa de Carnaval, seja por causa do uso alegadamente equivocado do termo “multicultural”.

Esses grupos se articulam numa lógica de equivalência, gerando cadeias de equivalência antagonônicas que polarizam o debate acerca da festa, conforme apresentado na Figura 2.

Em última instância, as diferentes posições discursivas que orbitam em volta do Carnaval do Recife se articulam formando cadeias de equivalência que dão origem a um antagonismo central na formação do discurso do Carnaval Multicultural do Recife: o embate entre a tradição e a modernidade. Enquanto algumas posições discursivas procuram defender a valorização das raízes da festa

carnavalesca recifense, combatendo a diversificação das atrações da festa, por exemplo, a maior parte das posições discursivas se articula favoravelmente ao caráter de modernização da festa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ESBOÇO DE RESPOSTA À PERGUNTA DE PESQUISA

Ao término de nossas discussões, após a análise do horizonte discursivo em torno do Carnaval do Recife, propomos agora um retorno a nossa pergunta de pesquisa: “Como se formou o discurso do Carnaval Multicultural do Recife?”.

Percebemos que o formato da festa do Carnaval Multicultural do Recife surgiu como um projeto político orientado pela estratégia da então nova gestão da prefeitura do Recife – representada pela figura do prefeito João Paulo – a fim de estabelecer uma imagem positiva da prefeitura perante os cidadãos. Essa proposta, então, foi abraçada pela imprensa como uma possibilidade de construção de um produto cultural com potencial, um evento-espetáculo a ser consolidado e explorado. Ao longo dos anos, principalmente por meio dos veículos de comunicação, essa festa tem sido inserida no imaginário dos foliões.

Para os foliões, a festa se constitui como um espaço em que se apresentam disponíveis atrações artísticas as mais diversas, espalhadas por toda a cidade, atendendo a todos os gostos. E, para os próprios artistas, sejam eles locais ou nacionais, a festa representa oportunidade de trabalho em um contexto supervalorizado, oportunidades potencializadas pelo formato descentralizado da festa, que multiplica as possibilidades de *shows*.

Em contraponto a esse discurso favorável à festa recifense, existem posições discursivas que assumem uma perspectiva contrária ao Carnaval Multicultural do Recife. No caso dos pesquisadores e acadêmicos, o ponto de desacordo parece se limitar ao uso inadequado do termo “multicultural”, que é tido por eles como inadequado para refletir a realidade da festa. Essa posição discursiva está desarticulada em relação à outra posição discursiva contrária à festa, representativa dos foliões e artistas locais que prezam pela preservação dos costumes e das tradições da festa carnavalesca, que se opõe principalmente à diversidade de ritmos e atrações artísticas presentes no formato atual da festa.

Os discursos contrários ao formato atual da festa demonstram não ter força articulatória suficiente para fazer frente a todas as posições discursivas que se articulam em favor do Carnaval do Recife. Essa cadeia de equivalência favorável parece articulada o bastante para atribuir sentido ao significativo vazio “Carnaval Multicultural do Recife”. A festa surge como um espaço de diversidade e pluralidade cultural, fonte de oportunidade econômica para diversos agentes e

instrumento de manobra política para alguns outros. Esse entendimento da festa se mostra alinhado a uma tendência mundial de espetacularização e globalização das manifestações culturais, que se distanciam de suas origens em favor da consolidação econômica que determina o êxito da festa.

Dessa forma, nossa análise nos leva ao entendimento de que o “Carnaval Multicultural do Recife” se configura como um significante vazio, em torno do qual se disputa o direito de sua significação. Tal significante aponta para a diversidade cultural como o ponto nodal em torno do qual as diferentes vozes acessadas orbitam, com a finalidade de preencher o espaço hegemônico desse discurso. Assim, a noção de “multicultural” presente no título definido para a festa momesca de Recife provoca uma disputa que se dirige, em última instância, ao entendimento do que seja “diversidade cultural” nesse contexto, provocando um antagonismo que se revela desequilibrado em suas forças articulatórias, uma vez que a própria discordância do modelo oficialmente estabelecido evoca uma tradição também baseada na diversidade, sem que essas diferentes nuances de diversidade sejam demarcadas. Com isso, finda-se que a concepção estabelecida pela prefeitura do Recife se estabelece como um discurso hegemônico, tendo, em seu próprio “exterior contingente”, uma diferença que mais o reforça do que, de fato, o antagoniza.

Por fim, apontamos como limitação deste estudo o fato de termos focado a análise na esfera das políticas públicas, do Estado, não acessando a dimensão do capital privado como agente influenciador da configuração da festa. Nesse sentido, apontamos como possibilidade de estudo a ser desenvolvido em oportunidades futuras uma análise do Carnaval Multicultural do Recife a partir da perspectiva das organizações privadas envolvidas com a realização da festa.

THE DISCOURSE THEORY OF RECIFE'S MULTICULTURAL CARNIVAL: AN ANALYSIS OF RECIFE CARNIVAL PARTY IN THE LIGHT OF THEORY OF LACLAU AND MOUFFE

ABSTRACT

Given the importance of Carnival party to the city of Recife, it is natural that the event involves a plurality of voices present in the construction of meanings related to the party. In this sense, we chose to rely on discourse theory of Laclau and Mouffe – which deals with the discursive articulation of different agents around meanings in the construction of a discourse – in an attempt to seek answers to

the following question: “How the discourse of Recife’s Multicultural Carnival was formed?”. Looking for ways consistent with the research methodological and theoretical choices we have established, we take a critical approach, post-structuralist and post-Marxist matrix, adopting a qualitative research strategy. The construction of our research corpus took place through two distinct stages. Firstly, through preliminary readings we identified the different relevant groups that set some involvement with Recife’s Multicultural Carnival. Then, research corpus was built, composed by documental research in order to access the discursive sources of our study. Concerning the data analysis, we used the discourse analysis of French strand in conjunction with the discourse theory of Laclau and Mouffe. The arguments against the current format of the party demonstrate they do not have enough articulatory strength to challenge all discursive positions that are articulated in favor of Recife’s Carnival. This favorable chain of equivalence seems enough articulated to make sense of the empty signifier “Recife’s Multicultural Carnival”, that points to the cultural diversity as nodal point that propitiates to the official discourse defined by municipal government occupies the hegemonic space around this discourse. The party emerges as a space of diversity and cultural plurality, source of economic opportunity for many agents. Finally, we point out a limitation of this study, as we focused our analysis on public policy arena, the state, not accessing private capital while influencing configuration of the party. In this regard, we point out as a possibility of further studies the analysis of Recife’s Multicultural Carnival from the perspective of private organizations involved in carrying out the party.

KEYWORDS

Carnival. Recife. Discourse theory. Laclau and Mouffe. Politics.

LA TEORÍA DEL DISCURSO DE CARNAVAL MULTICULTURAL DO RECIFE: UN ANÁLISIS DE RECIFE FIESTA DE CARNAVAL EN LA LUZ DE LA TEORÍA DE LACLAU Y MOUFFE

168

RESUMEN

Dada la importancia de la fiesta de Carnaval de la ciudad de Recife, es natural que el evento implica una pluralidad de voces presentes en la construcción de significados relacionados con la fiesta. En este sentido, se optó por confiar en

la teoría del discurso Laclau y Mouffe – que trata de la articulación discursiva de los diferentes agentes en torno a los significados en la construcción de un discurso – en un intento de buscar respuestas a la siguiente pregunta: “¿Cómo se formó el discurso de Carnaval Multicultural do Recife?”. Buscando maneras consistentes con nuestra metodología de investigación y opciones teóricas que hemos establecido, tomamos un enfoque crítico, post-estructuralista y post-marxista, la adopción de una estrategia de investigación cualitativa. La construcción de nuestro corpus de investigación tuvo lugar a través de dos etapas distintas. En primer lugar, a través de las lecturas preliminares identificamos los diferentes grupos pertinentes que establecen cierta relación con el Carnaval Multicultural de Recife. Luego se dio la construcción del corpus, compuesto por la investigación documental con el fin de acceder a las fuentes discursivas de nuestro estudio. En el análisis de los datos, se utilizó el análisis del discurso de cadena francesa en conjunto con la teoría del discurso de Laclau y Mouffe. Los argumentos en contra del formato actual de la fiesta no tienen lo suficiente fuerza articuladora para hacer frente a todas las posiciones discursivas que se articulan a favor de la Carnaval de Recife. Esta cadena de equivalencias favorable parece articular lo suficiente como para tener sentido del significante vacío “Carnaval Multicultural do Recife”, que apunta a la diversidad cultural como punto nodal que ofrece a lo discurso oficial definido por el gobierno municipal ocupar el espacio de la hegemonía alrededor de este discurso. El partido se presenta como un espacio de la diversidad y la pluralidad cultural, fuente de oportunidades económicas para muchos agentes. Por último, señalamos una limitación de este estudio es que nos centramos nuestro análisis en campo de la política pública, el Estado, no acceder al capital privado, mientras que influye de configuración de la fiesta. En este sentido, destacamos como una posibilidad a estudiar un análisis del Carnaval Multicultural do Recife desde la perspectiva de las organizaciones privadas que participan en la realización de la fiesta.

PALABRAS CLAVE

Carnaval. Recife. Teoría del discurso. Laclau y Mouffe. Política.

REFERÊNCIAS

- Arai, Y. (1994). O carnaval do Recife e a formação do folclore negro no Brasil. In H. Nakamaki & A. Pellegrini Filho (Orgs.). *Possessão e procissão – religiosidade popular no Brasil* (pp. 115-138). Osaka: National Museum of Ethnology.
- Araújo, H. (2000). *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus.

- Araújo, R. C. B. (1997). Carnaval do Recife: a alegria guerreira. *Estudos Avançados*, 11(29), 203-216.
- Burity, J. A. (2007). Teoria do discurso e análise do discurso: sobre política e método. In S. Weber & T. Leithäuser (Orgs.). *Métodos qualitativos nas ciências sociais e na prática social* (pp. 72-83). Recife: Editora da UFPE.
- Cabral, S., Krane, D., & Dantas, F. (2013). A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração interorganizacional do carnaval. *Organizações & Sociedade*, 20(64), 145-163.
- Carvalho, C. A. P., & Madeiro, G. (2005). Carnaval, mercado e diferenciação social. *Organizações & Sociedade*, 12(32), 165-177.
- Cordeiro, A. T., & Mello, S. C. B. (2010). Teoria do discurso laclauiana: uma mediação entre teoria crítica e prática política. *Anais do Encontro Nacional da Anpad*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 34.
- Correio Braziliense (2013). Carnaval do Recife gera movimentação financeira de R\$ 603 milhões. Recuperado em 4 fevereiro, 2014, de <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/especiais/carnaval2013/2013/02/13/InternaCarnaval2013,349431/carnaval-do-recife-gera-movimentacao-financieira-de-r-603-milhoes.shtml>.
- Duarte, U. C. (2013). A cultura carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização. *Organizações & Sociedade*, 20(64), 165-182.
- Faria, A. (2006). Crítica e cultura em marketing: repensando a disciplina. *Cadernos Ebape. BR*, 4(3), 1-16.
- Ferreira, F. (2004). *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Firat, A. F., & Tadajewski, M. (2010). Critical marketing – marketing in a critical condition. In P. Maclaran, M. Saren, B. Stern & M. Tadajewski (Eds.). *The Sage handbook of marketing theory* (pp. 127-150). London: Sage.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Fundação Joaquim Nabuco (2012). Carnaval de Pernambuco. Recuperado em 15 junho, 2012, de http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=536&Itemid=182.
- GI (2013). Pernambuco – Carnaval 2013. Recuperado em 4 fevereiro, 2014, de <http://gi.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/02/com-700-mil-visitantes-recife-fecha-carnaval-2013-com-avaliacao-positiva.html>.
- Gaião, B. F. S., & Leão, A. L. M. S. (2013). Muitas festas numa só: a configuração do campo do carnaval do Recife. *Organizações & Sociedade*, 20(64), 131-144.
- Godoi, C. K., Bandeira-de-Mello, R., & Silva, A. B. (2006). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva.
- Gramsci, A. (1978). *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hollanda, B. B. B. (2013). País do Carnaval! País do Carnaval? (Uma apresentação alentada ao dossiê: Carnavais & organizações). *Organizações & Sociedade*, 20(64), 99-109.
- Howarth, D. (2000). *Discourse*. Buckingham: Open University Press.
- Howarth, D., & Stavrakakis, Y. (2000). Introducing discourse theory and political analysis. In D. Howarth, A. J. Norval & Y. Stavrakakis (Orgs.). *Discourse theory and political analysis* (pp. 1-37). Manchester: Manchester University Press.
- Laclau, E., & Mouffe, C. (1985). *Hegemony and socialist strategy*. London: Verso.
- Laclau, E. (1993). *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Laclau, E. (1996). *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel.

- Lóssio, R., & Pereira, C. (2008). *História e estórias do Carnaval em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- Ortiz, R. (2006). *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense.
- Pessoa, J. de M. (2005). *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG, Kelps.
- Prefeitura da Cidade do Recife. (2008). Plano Municipal de Cultura do Recife – Secretaria de Cultura do Recife – Conselho Municipal de Política Cultural – Recife. Recuperado em 2 fevereiro, 2015, de <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/457.pdf>.
- Prefeitura da Cidade do Recife (2012). Carnaval Multicultural Recife 2012. Recuperado em 15 junho, 2012, de <http://www.carnavaldorecife.com.br/>.
- Prefeitura da Cidade do Recife (2013a). 98% dos visitantes pretendem voltar ao Recife. Recuperado em 13 outubro, 2014, de <http://www2.recife.pe.gov.br/98-dos-visitantes-pretendem-voltar-ao-recife/>.
- Prefeitura da Cidade do Recife (2013b). “O povo tomou conta da cidade e deu um show de paz e felicidade”, diz Geraldo. Recuperado em 15 junho, 2012, de <http://www2.recife.pe.gov.br/o-povo-tomou-conta-da-cidade-e-deu-um-show-de-paz-e-felicidade-diz-gerald/>.
- Prefeitura de Olinda (2012). Olinda Carnaval 2012. Recuperado em 15 junho, 2012, de <http://carnaval.olinda.pe.gov.br/>.
- Ribeiro, M. (Org.). (2010). *Cartilha de Carnaval*. Recife: Secretaria de Cultura do Recife.
- Sebe, J. C. (1986). *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática.
- Silva, J., Mendes, D., Lucena, S., & Ataíde, M. G. (2004) Carnaval do Recife como palco do *folkmarketing* e imaginário. In F. A. P. Costa (Org.). *Folk-lore pernambucano* (pp. 20-38). Recife: Cepe.
- Tureta, C., & Araújo, B. F. V. B. (2013). Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 20(64), 111-129.
- Vidal, F. M. C., & Andrade, E. L. (2009). Civilizar para Carnavalizar: propostas de um carnaval moderno em Pernambuco (1935-1985). *Anais do Simpósio Internacional Processo Civilizador*, Recife, PE, Brasil, 12.
- Vidal, F. M. C. (2010). Propostas de um carnaval moderno em Pernambuco (1964-2004). *Revista Tempo Histórico*, 2(2), 63-79.
- Vieira, D. C., & Costa, R. (2007). Uma visão dos outros carnavais: do século XVII ao XIX. *Anais do Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco*, Recife, PE, Brasil, 1.